

Capítulo 4

DIRCEU E
LÚCIA SELAU

junho, 2019

VOZES DA
AGRICULTURA
ecológica II

Laércio Meirelles





Dirceu e Lúcia

junho, 2019

SELAU



Dirceu e Lúcia moram na Chapada do Morro Bicudo, comunidade do interior de Mampituba, município limítrofe com o Estado de Santa Catarina, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Em que pese estar na região do litoral, não são do mar as águas que embelezam o município, mas do Rio Mampituba e dos arroios que nele deságuam, descendo da Serra Geral e entrecortando a paisagem com águas frias e transparentes.

Mampituba emancipou-se de Torres em 1995, e é um município eminentemente agrícola, tendo a banana como seu principal cultivo. Não é diferente para a família Selau.

Sentamos na varanda da casa, em uma bela mesa feita com um cedro e um louro, árvores escolhidas dentre tantas que se desenvolvem em meio ao bananal da família. É onde começamos a conversar, em uma linda manhã do inverno gaúcho, com céu azul, sol forte e ar frio.

Estou aqui para ouvir a trajetória de Dirceu e Lúcia, um casal que optou pela Agricultura Ecológica há quase três décadas.

Ele nasceu em 1961, na comunidade vizinha de Alto do Rio de Dentro, sendo o sexto de 12 filhos. Ela nasceu em 1971. Casaram-se em 1987 e fixaram residência na terra dos pais dela, na Chapada do Morro Bicudo. O casal tem duas filhas e uma neta.

Lúcia sempre acompanhou o marido nas suas lidas, dentro das suas possibilidades, pois tornou-se professora muito jovem, ainda em 1988.

- Naquela época, eram poucas pessoas que haviam completado o segundo grau, que podiam ser professores. A prefeitura de Torres fez um processo seletivo, me inscrevi e passei, sigo professora até hoje, são 32 anos.

Para Dirceu não apenas uma mudança de ares. Migrou para a vida de casado e também, do cultivo da cana, principal cultura na terra dos seus pais, para o mundo dos bananais.

- Lidar com banana é uma tranquilidade! Capinar uma roça de cana no sol e, com 8 anos, levar um feixe inteiro de cana nas costas não dá saudade não.

Apesar da queixa do trabalho pesado, emociona-se ao falar da infância:

- Era tudo muito bom, lembro bem do café da manhã: polenta com leite, batata doce, banana caturra cozida. Às vezes, íamos de manhãzinha, escondidos do pai, pegar um salame. Tirava uma perna e arrumava as outras para que ele não desse falta. No almoço, o bom mesmo era se tinha visita, aí era só alegria, matava uma galinha, quem sabe até um porquinho Era bom demais!

Antes de viver com os sogros e trabalhar com bananas, Dirceu havia se aventurado a fazer uma lavoura de tomate, em 1985. Com a devida (ou seria indevida?) recomendação agrônômica, o adubo químico e o veneno marcaram forte presença no aconselhamento técnico, que Dirceu seguiu regamente. Nessa época era raro, muito raro, que alguém fugisse desse mantra da modernidade agrícola. Para plantar, fez um empréstimo no banco, com o necessário projeto

técnico elaborado pela extensão rural do município, à época, ainda integrado a Torres. A geada frustrou a colheita, o seguro agrícola cobriu seus gastos.

Esse breve relato do Dirceu exemplifica como se deu a “quimificação” da agricultura. Sob a égide do interesse das empresas do setor, técnicos, em boa parte agrônomos, eram formados por universidades que ensinavam como modernizar o agricultor, modernização sendo aqui entendida como sinônimo de adubos químicos, agrotóxicos, sementes novas e maquinário pesado. Um jovem agrônomo, egresso da universidade e trabalhando como extensionista rural, seguia a cartilha aprendida, recomendando o que havia sido treinado a fazer. Como golpe final, havia o atrelamento do crédito rural a um projeto técnico que deveria ser feito por órgão competente e profissional habilitado. Crédito disponível, sim, mas com uma finalidade específica: comprar insumos. Podemos usar o exemplo do Dirceu para ainda dizer que, no caso de uma intempérie, para sua lavoura foi a geada, os riscos são assumidos pelo produtor ou pelo agente financeiro, mas nunca pela indústria que comercializou o insumo. Os lucros dessas empresas estão garantidos, com ou sem colheita.

Como dizíamos, Dirceu adaptou-se, rapidamente, ao trabalho nos bananais. Lúcia lembra que seu pai usava pouco veneno, principalmente herbicida, além de adubos químicos. Dirceu, agora trabalhando nas terras do sogro, ficava com 2/3 terços do que colhesse. Como aprendeu a usar agrotóxico produzindo tomate, seguiu no mesmo ritmo com a banana.

Duvidou da sua opção de usar agrotóxicos, de modernizar suas lavouras quando começou a ouvir falar da Agricultura Ecológica. Dirceu era militante da Pastoral da Juventude Rural da região, levado pelas mãos do Padre Ricardo Camatti, ainda no final dos anos 1970, envolvendo-se, também, na luta sindical, no movimento cooperativista e na organização dos jovens rurais:

- Eu era muito ligado à Igreja Católica, sempre fui da equipe de liturgia. Até hoje sou envolvido, agora como ministro da eucaristia.

Foi nesse ambiente, de uma religião que o conectava à defesa de direitos populares e de luta em boa parte encabeçada por setores progressistas da Igreja no Brasil dos anos 1980, que Dirceu ouviu falar de produzir sem venenos. Gostou da ideia e, em 1991, aceitou o convite feito pelo Padre Remi, um dos que liderava a Pastoral Rural na região. Subiu a Serra e foi fazer um curso de Agricultura Ecológica no município de Nova Prata.

- Laércio, foi lá que nós dois nos conhecemos. Você deu o curso e eu me impressionei muito com as fotos de pessoas doentes pelo uso de agrotóxicos, principalmente com as crianças, que nasciam com graves deformidades. Ali prometi a mim mesmo que nunca mais usaria veneno. Concluí que não tinha o direito de contribuir para que uma criança nascesse assim. Quando voltei do curso, fui na agropecuária e devolvi todos os venenos que tinha em casa. Não me pagaram nada, mas assim mesmo deixei tudo lá!

Lembro-me bem desse curso. E dessas fotos. A maioria delas de crianças com anomalias ou natimortas, retiradas de um trabalho feito pela hoje pesquisadora e doutora Mara Calliari¹, que vincula esses problemas ao uso de agrotóxicos.

Dirceu regressou desse curso e nunca mais usou veneno nos seus bananais. Juntou-se ao emergente movimento de Agricultura



¹ Em Passo Fundo, na década de 1980, a pesquisadora e doutora em toxicologia, Mara Regina Calliari, conduziu um importante estudo relacionando a exposição aos agrotóxicos a anomalias e malformações genéticas em recém-nascidos. À época, Mara atuava como enfermeira na maternidade do Hospital São Vicente de Paulo (HSVP). Hoje é professora da Universidade de Passo Fundo.

Ecológica na região. Como produzia só banana, não se envolveu com a Feira de Agricultores Ecologistas de Porto Alegre, como fizeram alguns dos seus companheiros de Pastoral, através da ACERT – Associação dos Colonos Ecologistas da Região de Torres. Dirceu seguiu produzindo banana e vendendo aos intermediários. Foram momentos difíceis. Ele recorda:

- Eu produzia 10 a 11 quilos por cacho de banana usando os venenos. Comecei a trabalhar na ecologia, deixei o mato vir e a produtividade baixou muito. Chegava nas festas comunitárias e era motivo de chacota na turma. Era possível perceber que estavam falando de mim, da minha roça cheia de mato.

Essa cena, comum ainda hoje, era muito comum naqueles tempos. A pressão psicológica do “se parar de usar veneno vai morrer de fome” é feita pela comunidade e, muitas vezes, pela família. Falácia. Dirceu segue nas suas recordações:

- Eu via o bananal no mato, produção baixa, na hora de dormir ficava pensando: amanhã eu vou usar veneno, vou desistir da ecologia. No outro dia, caminhava dentro do bananal e pensava: mas e o curso que eu fiz? E aquelas fotos das crianças que vi? Acabava minha coragem de usar veneno.

Lúcia também comenta que foi o único momento em que ela titubeou no apoio que sempre deu à opção do marido pela Agricultura Ecológica.

Não é incomum que os agricultores passem por dificuldades no momento da transição. Sem um mercado específico que compense eventuais déficits produtivos, que ocorrem por realidades técnicas ou lacunas de informação, as dificuldades podem ser, realmente, desanimadoras. Mas Dirceu perseverou e se viu premiado por esta atitude.

- Com as orientações de vocês comecei a plantar adubo verde – mucuna, feijão de porco, guandu, lab lab, feijão bravo do ceará, que por sinal ajudou a eliminar a guanxuma, o inço que mais me

assustava nos bananais. Em 4 anos, recuperei um bananal que estava tomado pelo mal-do-panamá. Além da adubação verde, passei a deixar crescer algumas arvores nativas e usei biofertilizante. O resultado foi excelente.

É conveniente esclarecer que o mal-do-panamá é uma enfermidade provocada por um fungo e que afeta os bananais, que muito raramente se recuperam após um ataque severo. Não existe controle químico recomendado. Temos inúmeros exemplos de bananais acompanhados pelo Centro Ecológico, ao longo de quase 30 anos, que foram recuperados com um bom manejo, muito bem sintetizado nessa descrição do Dirceu. Posso acrescentar que ele também usou óleo mineral com pulverizações de biofertilizante e, em momentos específicos, calcário, fosfato natural ou algum outro fertilizante à base de rocha moída. O cotidiano de um manejo ecológico nos mostra que práticas simples, ainda que oriundas de complexas informações, costumam ser eficazes mesmo para superar limites que a agricultura, à base de pesticidas não supera. E ainda com baixo custo.

Vou descrever aqui o resumo de um bom manejo em bananal, parecido com o que é feito em outras frutíferas: suspender o uso de herbicidas e adubos químicos, permitindo que a vida do solo comece a se recuperar. Semeadura de adubação verde com algumas leguminosas que produzam boa quantidade de massa verde. Em solos infestados pelas chamadas ervas daninhas, uma espécie que cubra bem o solo é recomendada, como amendoim forrageiro (*Arachis repens*). Mas todas citadas acima, e muitas outras, são bem vindas. Com esse aporte de massa verde, folhas e raízes, uma maior variedade de vegetação espontânea começa a surgir.

Paralelo a esse manejo, deve ser avaliada a possibilidade de introduzir algum pó de rocha, como calcário, fosfato natural ou outro de fácil disponibilidade na região, polvilhado sobre o solo, em quantidades discretas, sempre menores do convencionalmente recomendado.

É comum que nos primeiros anos de conversão ou implantação de uma lavoura ecológica seja oportuno pulverizar biofertilizantes enriquecidos, feitos à base de matéria orgânica, misturada à água, acrescidos de doses de minerais, como cinzas, farinha de ossos ou mesmo calcário. Pode ser importante enriquecer o biofertilizante com alguns minerais cujas carências sejam percebidas, como boro ou zinco. No caso da banana, esse tratamento foliar deve ser realizado, via de regra, junto com a tradicional recomendação de óleo mineral, para que as folhas permaneçam viçosas e a produtividade seja recompensadora. Ao mesmo tempo, avaliar melhor as espécies de árvores que surgem no sistema, ou que possamos julgar oportuno introduzir, deixando que algumas se desenvolvam, venham a fazer uma sombra parcial e contribuam com o aporte de folhas e galhos, através da queda natural ou da poda periódica. É bom lembrar, também, do importante trabalho de reciclagem de nutrientes feito pelas raízes das árvores.

No bananal do Dirceu, vejo dezenas de árvores. Recordo-me do fato e pergunto a ele sobre o furacão Catarina que assolou a região em março de 2004. É conhecido que muitos agricultores perderam os seus bananais e precisaram receber cesta básica para sobreviver:

- Perdi todas as telhas da minha casa, mas meu bananal sofreu só um pouco. As folhas rasgaram, mas não perdi as plantas, as árvores protegeram, foi o bananal menos afetado na comunidade!

Resiliência. A palavra anda na moda, aqui temos um belo exemplo. Um sistema agrícola diverso é muito mais resiliente por ter mais facilidade para voltar ao seu estado original, cessada a força que o deformou ou alterou.

Por esse manejo, Dirceu foi convidado a ir à Suécia, para um intercâmbio no *Resilience Center*, centro de pesquisa sobre o assunto, com base em Estocolmo. Em 2007, fruto de uma parceria do Centro Ecológico com a Sociedade Sueca de Proteção à Natureza,

alguns pesquisadores Suecos visitaram a região, estiveram na sua área, impressionaram-se com seus cultivos e, no ano seguinte, convidaram o Dirceu para este intercâmbio junto com técnicos do Centro Ecológico.

- Foi a primeira vez que andei de avião, quando cheguei no aeroporto me deu um arrepiaço, mas me enchi de coragem e fui. Foi muito bonito lá, mas estranhei não ter um bom prato de arroz com feijão.

É um prazer caminhar com o prefeito em seu bananal. Sim, ainda não havia contado que desde 2017 Dirceu é prefeito de Mampituba. Alguns referem-se a ele como o prefeito que anda na roça e cuida do bananal. Ele comenta:

- Sábado acordo cedo e venho para cá, é no bananal que consigo relaxar um pouco dos problemas da prefeitura. Tem terapia melhor?

No bananal, vejo dezenas de árvores. Caneleira (*Ocotea sp.*), Louro (*Cordia sp.*), Uva do Japão (*Hovenia dulcis*), Açoita-cavalo (*Luehea divaricata*), Capororoca (*Myrsine hermogenesii*), além de algumas frutíferas como mamão e abacate. E umbuzeiro (*Phytolaca dioica*). Conhecem a lenda do umbuzeiro? Não? Pois aqui vai um trecho dela, segundo Barbosa Lessa, conhecido historiador gaúcho:

“Deus perguntou a cada árvore como ela queria ser. Quando chegou a vez do umbu, este disse que queria ter o corpo muito fraco, uma madeira à-toa, mas queria ser grande, para poder fazer sombra e abrigar os homens.

Deus satisfez a vontade dele, mas curioso, perguntou porque desejava se tornar uma madeira tão fraca e mole, enquanto que todas as outras árvores queriam ser fortes e duras. Então o umbu explicou-lhe que não queria que sua madeira pudesse servir, algum dia, para cruz e sacrifício de um santo. E desde daí, o umbu é assim...”

Linda, né? Aliás, Barbosa Lessa era feirante na já citada FAE,

de Porto Alegre, vendendo principalmente erva-mate.

Seguindo com o bananal, enquanto pisamos seu solo percebemos a maciez e o estalar das folhas e galhos, em diferentes estados de decomposição. Dirceu olha para cima e aponta, falando cheio de orgulho:

- Cada cacho desse produz em média uma caixa de banana, 11 quilos.

Aponta para uma gramínea e conta que trouxe do Espírito Santo, há mais de 25 anos. Imediatamente recorro-me do esforço que a Cooperativa Coolméia fez, em 1992, com apoio do Centro Ecológico, para promover um intercâmbio de agricultores gaúchos com o trabalho do “Hortão”, capitaneado pelo engenheiro agrônomo Nasser, da Prefeitura de Cachoeiro de Itapemirim.

- Nasser falava muito da importância de deixar o mato nos canteiros, no meio das plantas, para que os insetos tivessem alimento disponível e não comessem nossos cultivos. Nunca esqueci disso.

De fato, na segunda metade dos 1980, início dos 1990, a experiência do Hortão de Cachoeira de Itapemirim era muito citada, em várias regiões do país, como exemplo do que deveria ser uma Agricultura Ecológica tropical que, dentre outras práticas, se caracterizaria por esta convivência dos mal denominados inços com as plantas cultivadas.

Enquanto caminhamos na sombra do bananal agroflorestal do Dirceu, vou ouvindo mais da sua trajetória, vamos recordando juntos o que vivemos nesta determinação por divulgar e fazer Agricultura Ecológica. Tem um fato que ele menciona que é parte importante da sua história, e diz respeito à uma oportunidade de comercialização.

Justamente quando Dirceu e Lúcia pensavam em desanimar da opção pela ecologia, e não desanimaram por Dirceu lembrar-se de sua promessa de não ser o responsável por alguém adoecer em razão das suas práticas, os resultados agronômicos começaram

a melhorar. A este bom resultado, com a produtividade voltando a subir, ele ainda teve acesso a um mercado diferenciado.

Dirceu nos conta:

- As primeiras vendas foram na rua, em Porto Alegre, em torno de 1993/94. A Secretaria de Indústria e Comércio da Prefeitura de Porto Alegre colaborava conosco. Íamos em três pessoas na cabine do caminhão, mais umas quatro entre as caixas de banana, na carroceria, com uma lona por cima, qualquer acidente poderia ser fatal. Era uma loucura!

Ele segue e fala do que considera seu ponto de virada:

- Depois vocês abriram o mercado em Caxias do Sul. Foi quando tiramos o cavalo do atoleiro!

A referência é ao ano de 1997, quando o Centro Ecológico negociou, junto à Prefeitura de Caxias do Sul, durante a administração de Pepe Vargas, um espaço onde os agricultores pudessem vender banana em um volume mais significativo que o usual em uma feira. Assim foi criada uma política de abastecimento municipal denominada “Ponto de Colheita”. Depois, abriu-se a oportunidade de comercializar para as escolas do município. Tenho para mim que é uma das primeiras ou a primeira experiência de venda de produtos orgânicos para a merenda escolar no País. O grupo de agricultores do qual Dirceu e Lúcia faziam parte, por sinal seguem nele, começou a vender a cada quinze dias uma carga de cerca de 10 toneladas de banana em Caxias do Sul, a um preço superior ao que era pago na região.

Além do preço, esse tipo de mercado costuma ser mais condescendente com a classificação dos produtos. Em outras palavras, vende-se a um preço um pouco melhor, mas vende-se também produtos que seriam rejeitados no mercado convencional, como por exemplo uma cenoura um pouco torta, uma batata menos lisa ou uma banana com algumas manchas na casca.

Vou aproveitar para dizer que o mercado de produtos orgânicos,

esse que ocorre em feiras ou em iniciativas de abastecimento popular, trazem esta bela lição aos mercados ditos convencionais: é possível, desejável e necessário comercializar produtos agrícolas com pequenos defeitos, já que a opção contrária, simplesmente descartá-los, em um mundo com quase 1 bilhão de famintos, tem algo de perverso ou, quem sabe, de criminoso.

Com a comercialização melhor resolvida, os resultados econômicos também vieram. Dirceu e Lúcia hoje possuem 6 hectares de terra. Foram comprando do sogro, dos cunhados, de vizinhos. Destes, 5 hectares são bananais, cuidados por dois primos dela, que ficam com dois terços da colheita. A única exigência feita foi que eles deveriam converter toda a produção própria para a ecologia. Só poderiam cuidar do bananal do Dirceu se eles também fossem produtores ecológicos:

- Demoraram 15 dias para me responder. Vieram aqui em casa um certo dia, cedinho, sol nascendo, para dizer que aceitavam. Ainda quero que esta comunidade toda seja ecológica, quero uma comunidade sem barreiras para o ecológico.

Dirceu é tão entusiasmado que faz parte de dois grupos de agricultores ecologistas. Sempre participou do Grupo Ecológico do Alto do Rio de Dentro - Geard, comunidade vizinha. Por esse grupo ele é membro da Rede Ecovida de Agroecologia e, por essa via, recebe seu certificado de agricultor orgânico. É membro também do Grupo Ecológico da Chapada - GEC, por onde comercializa sua banana, através do grupo Grupo Ecológico de Santo Anjo da Guarda - GESA, município de Três Cachoeiras. Rede intrincada de relações territoriais, estabelecidas ao longo das décadas, com o objetivo de promover a Agricultura Ecológica na região. Todo esse povo articula-se no Núcleo Litoral Solidário, da já citada Rede Ecovida de Agroecologia.

Para terminar, pergunto sobre o que vem pela frente:

- Não vou ser candidato na próxima eleição, quero me voltar

mais para a família e para a lavoura.

Na mesa de almoço, no momento em que Dirceu faz esta afirmação, os olhares de desconfiança se cruzam. Dirceu gosta da política quase tanto quanto da Agricultura Ecológica. Já foi vereador duas vezes, vice-prefeito e agora prefeito. Falo isso com ele e ouço, de volta, em meio a um sorriso:

- Vamos ver. O futuro a Deus pertence, mas vai ser difícil me candidatar de novo. Quero ter tempo para trabalhar mais pela Ecologia! Sei que se eu morrer amanhã, morro realizado. Acho que vão ter algo de bom para falar de mim no meu velório.

Sim, tenho certeza que sim. Mas que a morte espere, Dirceu ainda tem muito o que fazer, muita vida por viver.

